

Um começo germanophile: 100 anos da Revista *A Defeza Nacional*

A germanophile beginning: 100 years of *A Defeza Nacional* Review

Thiago Tremonte de Lemos*

Boletim Meridiano 47 vol. 14, n. 136, mar.-abr. 2013 [p. 33 a 38]

Após a frágil consolidação dos Estados nacionais da América do Sul, entre o final do século XIX e o início do XX, diversas missões militares europeias auxiliaram no desenvolvimento das forças armadas dos países do continente. Argentina e Chile, por exemplo, já “modernizavam” seus exércitos com o acolhimento de instrutores alemães. O Brasil procrastinava. Ainda que, desde 1906, o governo enviasse cadetes à Alemanha, para um intercâmbio com vistas ao aperfeiçoamento da formação do oficial brasileiro. À época, o Marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra, e o Barão de Rio Branco¹ eram os maiores entusiastas do “modelo germânico”. Os franceses, que recebiam dos sul-americanos uma maior acolhida nos assuntos culturais e, embora fossem exportadores de equipamentos militares, estavam em desvantagem em relação aos alemães. Todavia, no Brasil, já havia uma missão atuando junto à Força Pública do Estado de São Paulo, bem como representantes de seus interesses que buscavam direcionar a escolha para uma delegação militar francesa. Constituiu-se, na ocasião, uma disputa entre “francófilos”, de um lado, e “germanófilos”, de outro.

Os oficiais brasileiros que retornaram do estágio no Exército do *Kaiser* ficaram de tal forma impressionados que não só se tornaram partidários da contratação de uma missão militar alemã, como eles próprios foram à luta pela modernização do Exército brasileiro: criaram, em 1913, uma Revista para defender suas bandeiras (*A Defeza Nacional*). No periódico – com formato assemelhado ao *Militär Wochenblatt* (LUNA, 2007: 6) – publicaram regulamentos militares traduzidos do Alemão para o Português, além de artigos escritos, em outros idiomas; exprimiram suas opiniões sobre assuntos concernentes à política militar brasileira; discutiam conceitos militares modernos, bem como analisavam campanhas brasileiras e europeias. Ganharam adeptos e se tornaram professores da Escola Militar do Realengo. Esses jovens oficiais – conhecidos pejorativamente, em um primeiro momento, como “jovens turcos²” – desempenharam um papel importantíssimo no desenvolvimento do Exército brasileiro. O debate sobre

* Professor Assistente de História Contemporânea do Departamento de História da Universidade de Brasília e doutorando em História Social pelo Programa de Estudos Pós-graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (tremontethiago@hotmail.com).

1 Segundo José Murilo de Carvalho, após o fechamento da Escola Militar da Praia Vermelha, em 1904, a principal ação para o processo de modernização não veio apenas do Ministério da Guerra de Hermes da Fonseca, mas também do ministro Rio Branco, com o envio de estagiários brasileiros para a Alemanha, a fim de treinarem junto ao Exército do Kaiser Wilhelm II: “Hermes era entusiasta do sistema alemão e foi convidado a assistir às grandes manobras de 1910 presididas pelo Kaiser, aproveitando a ocasião para negociar a vinda de missão alemã. A missão não veio, mas três turmas de oficiais, uma de 1906, outra em 1908 e a última em 1910, absorveram, por dois anos cada uma, o espírito da organização militar alemã” (CARVALHO, 2005: 27).

2 “Esses militares reformistas, significativamente, acolheram de bom grado o apelido de ‘jovens turcos’... De início, seus detratores haviam dado conotações negativas ao apelido... mas os reformistas gostaram dele. Afinal, os alemães também haviam treinado os oficiais turcos; de fato, a missão que os treinara fora comandada pelo general (barão) Friedrich Colmar von der Goltz, que em 1910 fora cogitado para assumir a direção de uma missão semelhante no Brasil. Cabe lembrar que os oficiais turcos profissionalizados tomaram o poder e reformaram seu país” (MCCANN, 2007: 217). Entre os fundadores da revista estavam os oficiais Estevão Leitão de Carvalho, Bertoldo Klinger – estagiários na Alemanha – e Francisco de Paula Cidade.

a contratação da missão e sua nacionalidade aparece de forma clara e explícita nas páginas de *A Defeza Nacional*. No editorial do oitavo número do periódico, o assunto é tratado de maneira grave e com duras acusações aos “francófilos”:

“A idéa de contractar para o Brazil officiaes francezes tem sido entre nós francamente defendida por certos advogados administrativos, organizadores de syndicatos franco-brasileiros, agenciadores de emprestimos e outras personalidades do mundo dos negocios para quem é profundamente indifferente a sorte do Exercito como a da propria Nação, e com que seria uma pilheria trocar siquer uma palavra sobre questões militares”.

Para os membros da revista, o objetivo da missão francesa seria primordialmente a conquista de mercado para seus produtos bélicos industrializados, bem como diminuir a influência germânica neste campo. Após desqualificar os possíveis defensores do modelo francês, o editorial d’*A Defeza Nacional* voltou-se à comparação entre os Exércitos francês e alemão:

“Em maneira de tactica o exercito francez apenas agora começa a perfilhar principios, que foram em parte causa das victorias allemãs de 1870³ e que um simples fährnich allemão não desconhece, quanto mais qualquer um dos officiaes do grande exercito em que temos ido beber os mais fecundos ensinamentos. É digna de menção a esse respeito a recente transformação do regulamento de manobras da artilharia de campanha franceza que representa um triumpho das idéas allemãs sobre o emprego technico e tactico dessa arma... A evolução actual das idéas tacticas em França póde ser caracterizada por estas palavras, *o exercito francez se germanisa*. Não sabemos pois porque ainda se hesita entre a fonte original dos maiores progressos militares e a sua copia timida e indecisa, quando se pensa na escolha de officiaes estrangeiros para virem nos ensinar a moderna arte da guerra” (Revista *A Defeza Nacional*, nº 8, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1914, ano I).

A presença do espírito militar francês, de um lado, se dá desde os tempos do Império Brasileiro. Como exemplo, a reforma da Academia Militar do Rio de Janeiro de 1839:

“A comissão da reforma de 1839, estabeleceu que o novo estatuto para a escola militar brasileira ‘organizará os necessários regulamentos, servindo-lhe de norma os que se acham presentemente em vigor na Escola Politécnica e na de Aplicação de Metz, em França, em tudo o que for adaptável ao plano de Estudos’. O novo Estatuto, o de 1839, mudou o nome da Academia Real Militar para Escola Militar e, de fato, privilegiou oficialmente o ensino de Engenharia. Por outro lado, seguindo bastante os princípios da ‘formação francesa’, militarizou, o quanto foi possível, o cotidiano da nova Escola Militar, principalmente quando criou a figura do ‘oficial instrutor’, encarregado do comando das companhias de alunos e da ‘instrução prática das Armas’” (TREVISAN, 1993: 14-15).

No final do século XIX, de outro lado, os exércitos chileno e argentino modernizaram-se, sofrendo forte influência alemã, notadamente com envio de missões do país europeu aos sul-americanos⁴. Segundo a análise de

3 “O futuro marechal Foch entrara na Escola de Guerra em 1885, ano em que Cardot apresentava pela primeira vez as idéias clausewitzianas aos futuros chefes do exército francês. A descoberta do ‘deus da guerra’ andava de par com seu profeta. A comparação entre a campanha de 1806 e a de 1870, entre o gênio do mestre e o talento do discípulo, tornara-se um tema de moda da história e da crítica militares” (ARON, 1986: 27). “Na França, a descoberta de Clausewitz se situa após as derrotas de 1870, acompanhando a descoberta, ou a redescoberta, de Napoleão, exigindo assim um estudo particular. Pode ser que o *Traité*, bem ou mal compreendido (mal compreendido, a meu ver) carregue uma parte de responsabilidade nas concepções dos generais franceses de 1914” (ARON, 1986: 10).

4 “Entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, as potências industriais europeias, em especial a França e a Alemanha, disputavam o monopólio da influência sobre os exércitos da América Latina. Tal disputa abarcava desde a venda de material bélico até o envio

Trevisan (1993), o Exército brasileiro também sofria, nos momentos derradeiros do Império, a influência alemã. Antes da chegada da Missão militar Francesa, em 1920, mais especificamente em 1924, quando começou a atuar na Escola Militar do Realengo, a principal referência do Exército brasileiro, em termos de formação da mentalidade do oficial, bem como o seu desenvolvimento à modernidade, havia sido o Exército alemão. Entretanto, não é possível afirmar que desde o retorno dos “jovens turcos” de seu estágio na Alemanha e da primeira publicação em 1913 de *A Defeza Nacional*, esse cenário germanófilo tenha se estabelecido por completo. A Reforma do ensino militar de 1913⁵, já de inspiração germânica, se desenvolveu de forma lenta – dando mais ênfase ao ensino prático e ao rigor disciplinar que em outros momentos da história do Exército brasileiro – mas os “jovens turcos” ainda estavam distantes da Escola Militar do Realengo, atuando em outras instituições de ensino militares e também, de alguma forma, nos quartéis. Resultados mais claros da ampliação da “mentalidade prussiana” no Exército brasileiro podem ser vistos em 1918 e 1919 (com as reformas promovidas pela Lei 3454, de 06 de janeiro de 1918 e o Decreto 13451, de 29 de janeiro de 1919, e a Missão Indígena⁶). Os oficiais mais antigos (mas de patente superior), por sua vez, e com uma mentalidade “arcaica”, viam no rigor dos modos militares dos novos oficiais uma afronta ao respeito da própria hierarquia (tal era a contradição do processo: para instituir o rigor e o respeito à hierarquia militar e política era preciso mudar a mentalidade do Exército naquele momento e enfrentar a própria hierarquia). E o soldado comum, não habituado a um ambiente tão rigoroso, sentia a “disciplina prussiana” um tanto excessiva e resistia ao modelo importado (TREVISAN, 1993: 297-298). Enfim, havia obstáculos de todos os lados e a posição brasileira contra a Alemanha na Primeira Guerra Mundial influíra na marginalização da referência germânica dentro do Exército brasileiro. O que estava em jogo, certamente, era o fato de o Exército brasileiro superar seu próprio “atraso” e para tal seria preciso, de alguma forma, inspirar-se naquilo que já era moderno. Os anos que antecederam a chegada da Missão Francesa foram de intensas discussões, primeiro porque a Primeira Guerra Mundial terminara e deixara marcas profundas na maneira de pensar a própria guerra e, segundo, porque o Exército experimentou, novamente, durante a Guerra do Contestado (1912-1916), os limites da própria instituição. Dessa forma, o Marechal José Caetano de Faria, ministro da Guerra entre novembro de 1914 e novembro de 1918, ou seja, durante boa parte dos dois conflitos, procurava na combinação entre os fatores externos e a experiência local um caminho para a evolução do Exército brasileiro. No último relatório no Ministério da Guerra, fez um balanço da pasta no governo de Wenceslau Braz (1914-1918), apresentando a reforma do Exército como uma necessidade premente. Além de desenhar um quadro geral de toda a precariedade existente, trata do intercâmbio entre militares brasileiros e europeus e a possível contratação de uma missão estrangeira para instrução do Exército brasileiro, a fim de modernizá-lo:

“Missões no estrangeiro: De accôrdo com as autorizações concedidas pelo poder legislativo, acha-se na Europa uma comissão de officiaes... a qual estuda as modificações introduzidas na arte da guerra pela campanha actual, verificando o que é applicavel ao nosso exercito; essa missão compõe-se, além do citado

de missões militares estrangeiras de instrução junto aos exércitos latino-americanos. O Chile, por exemplo, durante a presidência de Domingo Santa María (1881-1886), contratou o capitão alemão Emilio Körner Henze, que empreendeu uma reforma no exército chileno a partir da criação da Academia de Guerra e do Colégio Militar, da formação de um eficiente Estado-Maior e da organização de zonas militares, que transformadas em divisões, permitiram, também, um adequado apoio logístico. Todas essas ações foram completadas pela aquisição de um moderno equipamento militar, pelo envio de oficiais chilenos à Alemanha e pela contratação de uma equipe de assessores militares alemães capazes de auxiliarem Körner no processo de transformação do exército daquele país. Também na Argentina, a reformulação do Exército ocorreu, em grande parte, sob a influência da Alemanha. Durante a década de 1890, várias comissões de compra de armamentos chefiadas, principalmente, pelo tenente-coronel Pablo Riccheri, foram enviadas à Alemanha. Além disso, o país contava com a presença de três oficiais alemães incorporados ao seu exército: Albert Von Sydow, Rudolf Von Colditz e Georg Ruhde. Finalmente, em 1899, durante a presidência de Julio Roca, chegou à Argentina uma missão militar alemã, que contou com uma equipe de militares comandada pelo coronel alemão Alfred Arent” (LUNA, 2007: 1-2).

5 MOTTA, 2001 e TREVISAN, 1993.

6 Nome dado ao grupo de instrutores selecionados por concurso, para atuar na Escola Militar do Realengo. Muitos deste eram “jovens turcos” e foram predominantes na instituição até 1924, quando a Missão Militar Francesa passou a atuar no Realengo.

general, de 23 officiaes, e como nós fazemos parte dos paizes aliados contra a Allemanha, esses officiaes estão á disposição do quartel-general dos aliados. Uma outra missão acha-se nos Estados Unidos, fazendo estudos e procurando adquirir material que nos falta “ (*Relatório apresentado ao Presidente da República, pelo Marechal José Caetano de Faria, ministro do Estado da Guerra, em maio de 1918. Imprensa Militar; Estado-Maior; Capital Federal, 1918: 34-35*).

Caetano de Faria preferia, no íntimo, um caminho mais “nacionalizado” para o desenvolvimento da instituição, mas não recusava ou fazia restrições à contratação de uma missão estrangeira. Parecia ter consciência de não ser possível entregar aos brasileiros o comando do processo que estava em curso.

Nesse momento, a posição “germanófila” estava obviamente enfraquecida, mas ensejou a oportunidade exatamente para reforçar aquilo que Caetano de Faria anunciara no relatório: apreender a experiência estrangeira e combiná-la à brasileira. A modernização do Exército seria também o fortalecimento do caráter patriótico brasileiro. Tais considerações podem ser destacadas em um relevante editorial de *A Defeza Nacional*, de agosto de 1918. O texto trata exatamente da necessidade de uma postura nacional para se pensar o Exército brasileiro, e tomar do estrangeiro apenas aquilo que seria útil em termos locais. Intitulado “Patriotismo ad hoc e germanophilismo. Embuste evidente. Nossa orientação inabalável”, a posição da revista reforça a ideia de que a modernização do Exército se dará no encontro entre os interesses brasileiros e os modelos europeus, ou ainda, a fusão do patriotismo brasileiro com a experiência alemã. A revista não atacou a política externa brasileira, mas o possível abandono da referência germânica para o desenvolvimento da instrução do Exército brasileiro:

“Por um excesso de gratidão que bem se explica pela nossa absoluta fraqueza e porque a nossa nacionalidade ainda está em formação, temos, até agora, em actos esparsos, em opiniões dos nossos políticos mais notaveis, em consequencia de dificuldades financeiras e, mais do que em tudo isso, na consciencia popular, victima do analphabetismo e de justificada descrença dos nossos estadistas, creado e desenvolvido um sentimento que suffoca o patriotismo – o *estrangeirismo*... Os principios comprovados pela experiencia em um paiz, perderão o seu valor passando as fronteiras? Não será patriotico e por isso necessario acompanhar, aprender e adoptar tudo o que de melhor souber e fizer o nosso inimigo? Em materia militar, haverá quem discuta as vantagens de elucidar desapaixonadamente tudo que o inimigo descobrir ou aperfeiçoar?... N’A Defeza Nacional nunca houve concessões pessoas e a bajulação não ousa approximar-se das suas columnas. Ella está inscripta entre os órgãos mais patrioticos que no Brazil se imprimem vive *para o bem da sua Patria e da sua classe* – embora com constantes sacrificios pessoas... resolvemos num rasgo de franqueza que tambem é um sacrificio, explicar, de uma vez por todas, o nosso modo de ver, de sentir e de lutar pelos sagrados interesses da Patria, a razão porque pugnamos, pela adopção entre nós, de alguns regulamentos usados por um paiz que é hoje nosso inimigo... Esse tal ‘germanophilismo’ tão lembrado por alguns que muito esqueceram e ainda esquecem seus deveres para com a Patria, deve ser applicado aos que em actos, palavras e idéas pugnaram pelo enfraquecimento do paiz, progresso de idéas dissolventes e impraticaveis e aos que, evitando a instrucção militar que sempre pedimos e a aquisição do material indispensavel para apresentar resistencia util deante do inimigo, impediram que a nação agisse de accordo com a altivez e altruismo sempre manifestados” (*A Defeza Nacional*, nº 59, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1918, ano V).

O trecho revela exatamente a maneira como os “jovens turcos” e seus discípulos compreendiam a modernização do Exército. Não seria a adoção apenas de um modelo de pensamento aliado ou não, e sim, aquele, aparentemente, mais eficiente e não importava se era uma cópia do Exército alemão ou de quem quer que fosse, pois o importante era a modernização do Exército.

O “espírito prussiano”, entretanto, era excessivamente rigoroso para os padrões do Exército brasileiro na época e, por isso mesmo, segundo Trevisan, produziu um efeito grave de insubmissão na Escola Militar do Realengo. Por pregar exacerbadamente uma observância devotada das normas regimentais dos oficiais em formação, bem como um respeito inquestionável à hierarquia fez com que a Revolta do Forte de Copacabana em 05 de julho de 1922, tivesse apoio apenas da Escola Militar do Realengo, onde os “jovens turcos” e seus seguidores eram instrutores desde 1920. Para Trevisan, o desfecho da Primeira Guerra teve efeito prático no distanciamento do modelo alemão, bem como o trabalho incessante dos adidos militares francês e brasileiro, no Brasil e na França, respectivamente e do Ministro da Guerra em 1919, o general Alberto Cardoso de Aguiar. Para Cardoso de Aguiar⁷, o aspecto primordial para o afastamento brasileiro da influência germânica e uma aproximação mais intensa ao modelo francês foi a incompatibilidade de adaptação do “espírito prussiano” – interpretado por seus detratores como “excessos disciplinares” – à demanda local brasileira pela reformulação do Exército. Entre os ensinamentos mais significativos do estágio dos “jovens turcos” na Alemanha estava a ideia de disciplina e como isso ia ao encontro da noção de soldado-cidadão, uma vez que a principal função política do soldado era a defesa da pátria em todos os sentidos, inclusive a hierarquia, este último aspecto era algo bastante distante da realidade brasileira, levando-se em conta os constantes casos de insubmissão ocorridos nos meios militares brasileiros até à época. Não significa dizer, entretanto, que o “modelo francês” fosse simplesmente menos rígido, mas talvez, os franceses pudessem perceber melhor até onde podiam ir ou não em seus ensinamentos e no envolvimento com o universo militar brasileiro.

A *Defeza Nacional*, desde o posicionamento do Brasil na Primeira Guerra Mundial, baixou o tom de crítica à contratação de uma missão francesa. Também, por terem quadros simpáticos às suas bandeiras dentro da Escola Militar do Realengo onde a missão não atuaria – pelo menos até 1924 –, os colaboradores da revista passaram a ver os franceses a partir uma perspectiva menos hostil, inclusive vislumbrando de fato possibilidades de absorção do know-how de uma nação que saíra vencedora do maior conflito até então visto. O primeiro artigo sobre a Missão Militar Francesa no periódico é de fevereiro de 1920. Para além da germanofilia, ou da crítica aos “atrasados” franceses, o artigo intitulado “A missão militar francesa no Brazil” demonstrava boa vontade em receber os membros da missão. Tomando como referência o discurso do general Maurice Gamelin, primeiro chefe da delegação francesa, sobre os propósitos da missão e sua intenção de manter o que já havia sido modernizado, o periódico tem registrado o seguinte:

“Interrogámos S. Ex., sobre se na reorganização projectada, seriam postos á margem todos os regulamentos do nosso Exercito, que são adaptações dos allemães... Não viemos desfazer o que está feito – respondeu-nos o general Gamelin... Comentando esta entrevista, disse o *Jornal do Brasil* de 1º de fevereiro: “Na arte guerra da ha uma parte immutavel – a doutrina. Se o que existe nos regulamentos brasileiros, oriundos do allemão, é doutrina é cousa applicavel, que não foi destruida pela experiencia da grande guerra, nada ha que modificar” (*A Defeza Nacional*, n.º 79, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1920, ano VII).

Enfim, para os germanófilos de *A Defeza Nacional*, o que importava, sobretudo, era levar a modernidade ao Exército brasileiro, defendendo antes de qualquer coisa os interesses nacionais. Para Domingos Neto, especialista nas relações militares entre Brasil e França no início do século XX: *Le ralentissement des activités des ‘germanophiles’, après l’arrivée des militaires français, n’a pas signifié cependant une victoire des ‘francophiles’. En verité, les jeunes réformateurs, dans leur ensemble, l’avaient emporté dans la lute pour la modernization*” (DOMINGOS NETO, 1980: 56).

7 Relatório apresentado ao Vice-Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil pelo General de Brigada Alberto Cardoso de Aguiar, Ministro de Estado da Guerra, em maio de 1919. *Imprensa Militar; Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1919.*

Bibliografia

- ARON, Raymond. *Pensar a guerra, Clausewitz: a era europeia*. (Coleção Pensamento Político, v. 72). Brasília: Universidade de Brasília, 1986.
- CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- DOMINGOS NETO, Manuel. “L'influence étrangère et la formation des groupes et tendances au sein de l'armée brésilienne (1889-1930)” in ROUQUIÉ, Alain (org.). *Les partis militaires au Brésil*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1980.
- LUNA, Cristina Monteiro de Andrada. “Pela vinda da missão militar alemã ao Brasil” in *Anais das Jornadas de 2007*, Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.
- MCCANN, Frank D. *Soldados da pátria: história do Exército brasileiro, 1889-1937*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MOTTA, Jehovah. *A formação do oficial do exército: currículos e regimes na Academia Militar, 1810-1944*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- TREVISAN. *As “obsessões patrióticas”; origens e projetos de duas escolas de pensamento político do exército brasileiro*. Tese de doutorado em Ciência Política (Universidade de São Paulo – SP), 1993.

Documentos:

- A Defeza Nacional*, Editorial, nº 8, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1914, ano I;
- _____ “Patriotismo ad hoc e germanophilismo. Embuste evidente. Nossa orientação inabalável” in *A Defeza Nacional*, nº 59, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1918, ano V;
- _____ “A missão militar francesa no Brazil” in *A Defeza Nacional*, nº 79, RJ, 10 de fev. de 1920, ano VII.
- Relatório apresentado ao Presidente da República, pelo Marechal José Caetano de Faria, ministro do Estado da Guerra, em maio de 1918*. (Imprensa Militar; Estado-Maior; Capital Federal, 1918).
- Relatório apresentado ao Vice-Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil pelo General de Brigada Alberto Cardoso de Aguiar, Ministro de Estado da Guerra, em maio de 1919* (Imprensa Militar, Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1919).

Resumo

Este artigo trata do início da publicação da Revista *A Defeza Nacional* que, em 2013, completa 100 anos. O periódico envolveu-se, no começo de suas atividades, no debate pela escolha da missão estrangeira que auxiliaria na modernização do Exército brasileiro.

Abstract

This paper deals the 100 years of publication of *A Defeza Nacional Review*. The periodical was involved at the start of its activities, in the discussion by the choice of the foreign mission which may assist in modernizing the Brazilian army.

Palavras-chave: A Defeza Nacional; Exército brasileiro; modernização

Keywords: A Defeza Nacional Review; The Brazilian army; modernization